

## A ABORDAGEM DA TEMÁTICA *QUEER* NAS TELENÓVELAS E OS DESDOBRAMENTOS SÓCIO-POLÍTICOS TRANSMIDIÁTICOS: INFERÊNCIAS A PARTIR DE BABILÔNIA<sup>1</sup>

Ana Claudia da Cruz Melo <sup>2</sup>

Neste trabalho, compartilhamos reflexões de tese de doutorado, no seu primeiro ano de desenvolvimento, sobre a temática *queer*, considerando as controvérsias provocadas pelas telenovelas, em *horário nobre*, no período de 1981 a 2015, e os seus desdobramentos sócio-políticos. Apresentamos aspectos da seguinte problematização: como as telenovelas instauram campos de disputa quando o assunto é homossexualidade; e se seria possível pensar em um campo midiático de disputas pela existência social do corpo no que tange a orientação sexual e identidade de gênero. Para trazer as primeiras inferências, se detém, especialmente, sobre as controvérsias geradas pela telenovela Babilônia, exibida entre 16 de março e 28 de agosto de 2015.

Depois da estreia de Babilônia, no dia 16 de março de 2015, um beijo protagonizado no primeiro capítulo, pelas personagens Teresa (Fernanda Montenegro) e Estela (Nathália Timberg), fez imediatamente as redes sociais serem tomadas por grupos de apoiadores e contrários a telenovela. Uma disputa carregada de afetações, que nos instigou no sentido de identificar como foram mobilizados os argumentos prós e contras; com quem ou o que se confrontaram; e, por fim, as motivações evocadas nessas controvérsias e as emoções expostas. A seguir apresentamos as teorias e conceitos indispensáveis ao delineamento dos estudos desses confrontos. No segundo momento, detalharemos os procedimentos à coleta das controvérsias envolvendo a telenovela Babilônia. Por fim, traremos algumas inferências que nos conduzem à compreensão de que a abordagem da temática *queer* em telenovelas brasileiras revelaria um processo intenso de disputas travadas entre telespectadores/público sobre saber-verdade, e de relações permeadas por poder e resistência, onde a palavra assume um papel-chave.

### TEORIAS E CONCEITOS

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao Eixo Temático 05 – Gênero/Comunidades LGBT's /Feminismo do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

<sup>2</sup> Doutoranda do curso de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Bolsista CAPES/PROSUP. Professora do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Pará, e-mail: [claudiamelo22@gmail.com](mailto:claudiamelo22@gmail.com).

Como ponto de partida, o reconhecimento que entre tantos embates e debates relacionados à sexualidade e às telenovelas no Brasil, o da homossexualidade de personagens nas tramas é aquele que já perdura há pelo menos três décadas, provocando alto potencial de afetação entre as pessoas. Discussões observáveis, antes da WEB, em cartas envidadas, no Brasil, à Censura Federal, às emissoras de televisão, aos jornais e revistas, mas que na atualidade explodem nas redes sociais, conduzindo a uma espécie de sinergia entre as mídias pós-internet. O que faz com que as telenovelas, depois de seis décadas de existência, sejam reconhecidas como um espaço público de debates de temas considerados representativos da modernidade", um meio de experiência "comunicacional", "cultural" e "social" (LOPES, 2003), e, portanto, de alto potencial de afetação.

Deste reconhecimento e forma de compreender as telenovelas, é que nos inclinamos a estudar os embates sobre a homossexualidade de personagens para além de meras disputas em torno de uma trama de ficção resultante da contemporaneidade. Nossa compreensão é que reproduziriam e reiterariam práticas e discursividades centenárias sobre o sexo, características das civilizações ocidentais. Aquelas que Foucault (1988) traz sob a régua de uma *Ciência Sexual*, estratégicas na produção de saberes e de verdades. Discursividades que não cessam desde o século XVIII como parte de um dispositivo complexo, firmado não apenas sob uma espiritualidade cristã ou uma economia dos prazeres individuais, mas em uma aparelhagem para produzir e regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor da proibição. Essa aparelhagem ou técnica, Foucault denomina de "mecanismos de poder para cujo funcionamento o discurso sobre sexo passou a ser essencial" (1988, p. 26).

Um exemplo dessa técnica, segundo Foucault, está situado no século XVIII, quando os governos perceberam que não lidavam com "sujeitos" nem mesmo com o "povo" e sim com uma "população", compreensão esta, por sua vez, associada às ideias de riqueza, mão de obra, capacidade de trabalho, crescimento populacional e todas as suas variáveis: natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, doenças, forma de alimentação e *habitat*. Sendo que no "cerne do problema político-econômico da população" situa-se exatamente o sexo, uma vez que pelo sexo passavam questões como taxa de natalidade, idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecundas ou estéreis, o efeito do celibato ou das interdições e a incidência de práticas contraceptivas. Assim, pela primeira vez, explica Foucault, a compreensão de futuro e fortuna já não estava associada apenas ao número e

virtude de seus cidadãos, às regras de casamento e de organização familiar, mas na maneira como cada pessoa usa seu sexo. Por isso,

Passa-se assim das lamentações rituais sobre libertinagem estéril dos ricos, dos celibatários e dos libertinos, para um discurso onde a conduta sexual da população é tomada, ao mesmo tempo, como objeto de análise e de alvo de intervenção; passa-se das teses maciçamente populacionistas da época mercantilista, às tentativas de regulação mais finas e bem calculadas, que oscilarão segundo os objetivos e as urgências, na direção natalista ou antinatalista (FOUCAULT, 1988, p. 29)

Ao dar forma discursiva às condutas sexuais da população, o Estado também fez existir uma teia de observações sobre o sexo, que vai da análise das condutas sexuais às campanhas sistemáticas que tentam fazer do comportamento sexual dos casais um procedimento econômico e político deliberado. Isso, contudo, não se dá sem conflitos. Indivíduo e Estados terão no sexo um objeto de disputa pública e, como consequência dessa disputa, se formará uma teia de discursos, de saberes, de análise e injunções.

Outro aspecto importante que Foucault destaca para a compreensão dos mecanismos de incitação aos discursos sobre o sexo, desde o século XVIII, relaciona-se à forma como as coisas são ditas. Observa que frequentemente se afirma que a época clássica submeteu a uma ocultação o sexo das crianças, do qual só teria se liberado, no início do século XIX, com os *Três Ensaio sobre a Sexualidade* de S. Freud. Contudo, Foucault defende que não se falou menos do sexo. Pelo contrário, passou-se a falar mais de sexo, mas de outra maneira, sob olhares de terceiros, falas autorizadas com o intuito de se obter outros efeitos. Nesse outra forma de falar sobre sexo, Foucault chama atenção para o que significaria o "mutismo, aquilo que se recusa dizer ou se proíbe de mencionar", ressaltando que a descrição exigida entre certos locutores "não constitui propriamente o limite absoluto do discurso". Alerta para o equívoco de se incorrer na divisão binária entre o que se diz e o que não se diz e ensina que o ideal é "tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de descrição é exigida a uns e outros" porque não existe um só "mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos" (FOUCAULT, 1988, p. 30). Exemplo disso é o papel desempenhado pelas instituições de ensino, que a primeira vista pode até nos fazer crer que mantiveram certo mutismo em torno sexo. Contudo, é neste suposto silêncio que encontraríamos um conjunto de estratégias acerca de formas de falar, de discursos e locutores autorizados. Foucault fundamenta esta compreensão citando o exemplo da organização dos colégios do século XVIII. Segundo ele, pode-se ter a impressão de que não se

falava de sexo nesses lugares. Mas isso seria inexato. Basta observar a arquitetura dos prédios, onde tudo - do espaço da sala, ao lugar das mesas, passando pelos pátios de recreação, a arrumação dos dormitórios e aos regulamentos de vigilância - remete à sexualidade precoce, ativa, permanente, de crianças no foco de inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas. Ao longo de séculos, mais do que silenciar, Foucault afirma que a instituição pedagógica concentrou as formas do discurso sobre sexo, estabeleceu pontos de implantação, codificou conteúdos e qualificou locutores. Esta atenção redobra-se ainda mais no colegial, com o sexo dos adolescentes, quando este ganha status de problema de saúde pública. Observam-se, neste contexto, médicos que se dirigem aos diretores dos colégios, aos professores, às famílias sob o argumento de uma educação sexual. Pedagogos que elaboram e submetem projetos às autoridades como forma de educar para o sexo. São elaborados e lançados livros, cartilhas com conselhos médicos e exemplos edificantes quase sempre relacionados às doenças sexualmente transmissíveis, gênero/anormalidade, gravidez precoce, etc.

Toda uma literatura de preceitos, pareceres, observações, advertências médicas, casos clínicos, esquemas de reforma e planos de instituições ideais, prolifera em torno do colegial e de seu sexo, Com Basedow e o movimento 'filantrópico' alemão, essa colocação do sexo adolescente no discurso assume amplitude considerável. (FOUCAULT, 1988, p. 31)

Por meio da Medicina e da Justiça Penal encontraríamos outros fundamentos que reiteraram a compreensão de que os discursos de sexo mais do que reprimidos foram administrados e organizados. Entre o século XVIII e XIX, no campo médico, primeiro, surge uma série de discursos sob o rótulo de "doenças dos nervos". Depois, a psiquiatria se encarregou de delinear uma etiologia das doenças mentais, que "anexa ao seu domínio exclusivo o conjunto das perversões sexuais" (FOUCAULT, 1988, p. 33). A Justiça Penal, que por muito tempo já se ocupava da sexualidade, sobretudo sob a forma de crimes crapulosos e antinaturais, na metade do século XIX se abriu "à jurisdição miúda dos pequenos atentados, dos ultrajes de pouca monta, das perversões sem importância" (FOUCAULT, 1988, p. 33). Medicina e Justiça Penal, então, passaram a produzir e acumular relatórios, diagnósticos, organizar terapêuticas, que em torno do sexo "irradiaram os discursos e intensificaram consciência de um perigo incessante que constitui, por sua vez, incitação a se falar dele".

Este processo de organização, de colocação e multiplicação dos discursos de sexo, Foucault situa acontecendo dentro do poder, onde ele se exerce e ao mesmo tempo é meio para seu exercício. Um processo que se dá por meio da imposição para que cada indivíduo faça da sua sexualidade um discurso permanente e de "múltiplos mecanismos que, na ordem da economia, da pedagogia, da medicina e da justiça incitam, extraem, organizam e institucionalizam o discurso do sexo" (FOUCAULT, 1988, p. 33)

Esta multiplicidade de discursos, produzida por uma série de mecanismos em diferentes instituições, por outro lado, irá de encontro com a organização da Idade Média, fundada sobre tema da carne e da prática da confissão, um discurso estreitamente unitário. Como resultado, o vínculo entre a teologia moral da concupiscência e obrigação da confissão (discurso teórico sobre o sexo e sua formulação na primeira pessoa) foi rompido ou, pelo menos, distendido e diversificado. Isso não se deu sem provocar tensões, conflitos, esforços de ajustamento, e tentativas de retranscrição. Por isso, Foucault mais uma vez alerta para importância de compreendermos as discursividades sobre o sexo para além da extensão contínua. É precisamos que vejamos as discursividades sobre o sexo operando de forma dispersa e ao mesmo tempo complexa:

Em vez da preocupação uniforme em esconder o sexo, em lugar do recato geral da linguagem, a característica de nossos três últimos séculos é a variedade, a larga dispersão dos aparelhos inventados para dele falar, para fazê-lo falar, para obter que fale de si mesmo; para escutar, registrar, transcrever e redistribuir o que dele se diz. Em torno do sexo toda uma trama de variadas transformações em discurso, específicas e coercitivas? Uma censura maciça a partir das decências verbais impostas pela época clássica? Ao contrário, há uma incitação ao discurso, regulada e polimorfa. (FOUCAULT, 1988, p. 35)

O que estaria por trás dessa ordenação discursiva? Mais do que afirmar que visaria apenas o afastamento das formas de sexualidade que não se enquadrariam na economia estrita da reprodução, por meio do casamento e de uma relação heterossexual, Foucault traz estes procedimentos como aqueles que tornaram os Séculos XIX e XX a idade da multiplicação, da dispersão de sexualidades, um reforço das suas formas absurdas e a implantação múltipla das "perversões". O que fez da nossa época, inclusive, a iniciadora de heterogeneidades sexuais. Antes desse momento, até o século XVIII, Foucault explica que três códigos explícitos regiam as práticas sexuais, além das regularidades devidas aos costumes e das pressões de opinião: o direito canônico, a pastoral cristã, e a lei civil. Esses fixavam a linha divisória entre o lícito e o ilícito. O foco desses códigos eram questões relacionadas ao matrimônio: direitos e deveres dos cônjuges. Algo, além disso, que Foucault chama de o "resto" permanecia confuso. "Resto"

que remete à sexualidade das crianças, o amor entre pessoas do mesmo sexo, o casamento e os desvios em relação à genitalidade. "Romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam de qualquer modo, condenação" (FOUCAULT, 1988, p. 38). Estupro (relações fora do casamento), adultério, rapto, incesto espiritual ou carnal, sodomia ou a "carícia" recíproca seriam pecados graves. Os tribunais podiam condenar tanto a homossexualidade quanto a infidelidade, o casamento sem consentimento dos pais ou a bestialidade porque tanto na ordem civil quanto na ordem religiosa o que se levava em conta era o "ilegalismo global". E neste contexto, o "contra-a-natureza" seria, sim, marcado por uma abominação particular, mas isso era percebido apenas como uma forma extrema do "contra-a-lei"; infringia decretos tão sagrados como os do casamento, e estabelecidos para reger a ordem das coisas e dos seres. Entretanto, a explosão discursiva dos séculos XVIII e XIX provocou sobre este sistema que Foucault define como centrado na "aliança legítima" de duas grandes modificações. A primeira um movimento centrífugo em relação à monogamia heterossexual. O casal legítimo, heterossexual, com "sua sexualidade regular, passa a ter direito à maior discricção". Enquanto que, sexualidade fora desse patamar de legitimidade, será veementemente questionada: o sexo infantil, dos loucos, criminosos, as pessoas que amam aquelas do mesmo sexo, os devaneios, as obsessões, as pequenas manias ou grandes raivas. Todas essas figuras até então entrevistadas são, agora, levadas a avançar "para tomar a palavra e fazer a difícil confissão daquilo que são" (FOUCAULT, 1988, p. 39). Isso não significa dizer que serão menos condenadas do que antes, porém Foucault nos mostra que serão ouvidas e sempre que se interrogar a sexualidade regular, isso será feito a partir dessas sexualidades periféricas. Será, inclusive, através das sexualidades periféricas que se erguerá uma sexualidade regular.

Nesse contexto de caça às sexualidades periféricas, - e aqui situamos o cerne do pensamento que nos norteia estudar as discussões envolvendo personagens homossexuais e as telenovelas -, Foucault explica que o homossexual, antes sodomita, portanto, um tipo que praticava atos interditos, será, a partir do século XIX, uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também será morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. O artigo do médico alemão K.F.O. Westphal, "*Archives de neurologie*", de agosto de 1870, é considerado nos seus escritos como o marco da caracterização da homossexualidade. O Dr. Westphal usou a expressão "*sensações sexuais contrárias*" para afirmar que o homossexual se opõe ao sentimento correto homem/mulher de procriação, sendo dotado de uma anomalia congênita.

Como uma "espécie", "objeto de análise médica", aos homossexuais se processou uma série de intervenções e de controles, como internamentos em asilos sob o argumento de cura. A partir de então também "*todos* serão percebidos no interior de um parentesco global com os loucos, como doentes do instinto sexual". Contudo, destes mesmos discursos, Foucault nos mostra que nasceu toda uma discursividade "de reação", de auto-afirmação e visibilização da homossexualidade, algo que define como "a inversão estratégica de uma 'mesma' vontade de verdade" (FOUCAULT, 1979, p. 131). Assim, de "o" grande pecado contra a natureza (*grifo do autor*), dos textos sobre a sodomia que previam tratamentos aos homossexuais de pena de fogueiras às condenações judiciais; do aparecimento no século XIX, na psiquiatria jurisprudência e na própria literatura, de todo uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e "hermafroditismo psíquico", controles sociais; chegamos aos discursos de reação em que a "homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua 'naturalidade' e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico" (FOUCAULT, 1979, p. 131).

Este processo de inversão, assim, nos mostraria como um discurso formulado no interior dos dispositivos de sexualidade, isto é, de um conjunto heterogêneo de elementos<sup>3</sup>, se torna algo novo, "formas novas de comunidade, de coexistência e de prazer". Mostraria também, como nos ensina Foucault, que é justamente no discurso que vêm se articular poder e saber. Por isso, deve-se considerar o discurso:

Como uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável. Mais precisamente, não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado; mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes. (FOUCAULT, 1988, p. 95)

Para Foucault, é fundamental compreender que o discurso pode ser ao mesmo tempo, instrumento e efeito do poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de estratégia oposta. Isso porque ao mesmo tempo em que o discurso veicula e produz poder; reforça-o, ele também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas, também, afrouxam

<sup>3</sup> Em *Microfísica do Poder*, Foucault (1979) apresenta o sentido e a função metodológica do termo dispositivo. Em primeiro lugar, afirma que através deste termo tenta demarcar, decididamente, um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. "Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos" (FOUCAULT, 1979, p. 244).



seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras. Na mesma medida, é preciso ir além da compreensão de discurso dominado e outro dominante. Deve-se, segundo Foucault, interrogar os discursos sobre o sexo nos dois níveis, o de sua produtividade tática (que efeitos recíprocos de poder e saber proporcionam) e o de sua integração estratégica (que conjuntura e que correlação de forças torna necessária sua utilização em tal ou qual episódio dos diversos confrontos produzidos).

Desse ponto-chave do pensamento foucaultiano, chegamos à *Teoria Queer*, a segunda fundamentação teórica dos nossos estudos que ajuda a investigar as controvérsias, os afetos e afecções mobilizados pela telenovela como um fascinante mecanismo de disputa sobre verdade e saber. O *queer* nos instiga ainda mais à reflexão porque não deixa de ser um manifesto à liberdade, exaltado por uns e criticado enquanto teoria por outros, mas, sobretudo, a nosso ver, é fascinante porque carrega em si a complexidade do pensamento acerca dos discursos sobre gênero, sexo e sexualidade. De forma ampla, remete a uma expressão, da língua inglesa, de ofensa, de anormalidade, ameaça à ordem social, que na atualidade ganha dimensões globais, ao ter o seu sentido ressignificado. Ao mesmo tempo é usado como sinônimo de teoria, estudos e política. Para Spargo (2006), um termo que descreve um "leque diverso de práticas e prioridades críticas", que o autor exemplifica como: "leitura da representação do desejo do mesmo sexo em textos literários, filmes, músicas e imagens" e também "análise das relações de poder sociais e políticas da sexualidade, críticas do sistema sexo-gênero; estudos de identificação transsexual e transgênero e de desejos transgressivos" (SPARGO, 2006, p. 8). O surgimento enquanto *teoria* é pontuado por Salih (2013) como uma "aliança" às vezes incômoda de teorias feministas pós-estruturalistas e psicanalíticas que fecundavam e orientavam a investigação que já vinha acontecendo sobre a categoria do sujeito.

Por meio dos estudos de cinema, um dos campos reconhecidamente mais produtivos da *teoria queer*, observa-se de que maneira esta atenção à temática *gay* e lésbica se firma em relação às teorias feminista, psicanalítica e críticas. Stam (2006) explica que a questão homossexual foi por muito tempo "o ponto fraco de quase *todas* as teorias" do cinema. O que começa a mudar quando a teoria feminista, dos anos 1980, "se viu a um só tempo dividida e estimulada por tensões relacionadas à raça, à classe e orientação sexual". Até então as "feministas radicais" estavam mais preocupadas com a desigualdade entre gêneros, enquanto, as "feministas culturais" se voltavam às diferenças biológicas inatas entre homens e mulheres, "em favor das mulheres vistas como ternas, comunicativas, ecológicas e amparadoras por



natureza". Além do que, emergiam, neste contexto, os conflitos entre a teoria feminista heterossexual e o tema lésbico. Também se estremeciam as aproximações entre cinema, psicanálise e as teorias marxistas, à medida que a psicanálise "mostrava-se insensível às questões de classe e, o marxismo, às de raça e gênero" e tanto a psicanálise quanto o marxismo "insensíveis à questão da homossexualidade" (STAM, 2006, p.288).

Paralelo a esta ausência de uma teoria mais substancial sobre a questão homossexual, Stam (2006) lembra que há a revolta do bar gay Stonewall ocorrida em 1968, em Nova Iorque. Momento este em que "muitos teóricos desenvolveram uma abordagem *gay* e lésbica à cultura em geral e, em particular no cinema" (STAM, p.289). Ribeiro (2011) fala sobre este momento "como a primeira vez que todos se sentiram iguais - por serem diferentes. Iguais por causarem estranhamento ao padrão heteronormativo da sociedade. Eram *queers*, esquisitos" (RIBEIRO, 2011, p. 154).

Para o cinema, a *teoria queer* resultou em inumeráveis trabalhos, entre publicações, festivais e congressos, inclusive, até mesmo em um novo gênero cinematográfico, o *cinema queer* "um conjunto de filmes fazendo algo novo, renegociando subjetividades, anexando gêneros inteiros, revisando histórias em suas imagens" (RICH, 2015, p.18). A partir desta teoria, Stam pontua que foram resgatados e tirados do armário autores *gays* e autoras lésbicas, atuantes no cinema *mainstream*; e se formou um campo de problematização da espectadorialidade *gay*, e sobre o apelo lésbico e homoerótico de estrelas e astros do cinema. Também vimos nascer, na perspectiva da *teoria queer* do cinema, o interesse pela representação da masculinidade e do corpo masculino, e pela sensibilidade *gay*.

Apesar disso, Spargo (2006) defende que a *teoria queer* não pode ser lida simplesmente como um suporte acadêmico de um movimento cultural. Tem em si mais do que uma rejeição da normatividade de categorias de identidade. Esta deriva de um entendimento de identidade e poder. Isso porque se a cultura *queer* resgatou o "*queer*" como adjetivo que contrasta com relativa respeitabilidade de "*gay*" e "lésbica", a *teoria queer* colocou a palavra "*queer*" em circulação como um verbo que desestabiliza suposições sobre ser e fazer sexual e sexuado. Enquanto teoria, o *queer* está em permanente confronto com o normal, a norma, seja ela tanto relacionada à heterossexualidade dominante ou à identidade *gay* e lésbica. Para isso, enquanto teoria "faz uso de várias ideias da teoria pós-estruturalista, incluindo os modelos psicanalíticos de identidade descentrada e instável, de J. Lacan, a desconstrução de estruturas binárias conceituais e linguísticas, de J. Derrida e, claro, o modelo de discurso, saber e poder de Foucault" (SPARGO, 2006, p.p 37-38).

Uma das autoras fundamentais da *teoria queer*, J. Butler é apresentada por Stam como aquela que abriu caminho para os estudos *gays* e lésbicos ao questionar "o que acontece com o sujeito e com a estabilidade das categorias de gênero quando o regime epistêmico de uma heterossexualidade pressuposta é desmascarado como aquilo que produz e reifica essas ostensivas categorias ontológicas" (BUTLET, 1990, p. viii *apud* STAM, 2006, p. 289). Também por afirmar que o transformismo é "a maneira mundana como os gêneros são apropriados, teatralizados, usados e construídos; isso significa que todo o processo de construção de gênero é uma forma de personificação e aproximação" (STAM, 2006, p.290).

Spargo (2006) explica que, no livro *Perturbação de Gênero (Gender Trouble)*, publicado em 1990, parte deste pensamento de J. Butler adota o argumento de Foucault de que a "sexualidade" é produzida discursivamente, porém o amplia para incluir o gênero. Até então, segundo a autora, Foucault era tido pelas teóricas feministas como um autor que se deteve quase que exclusivamente sobre a produção homossexual homem. Com Butler, Spargo afirma que se passa ao argumento de que o "gênero não é a extensão conceitual ou cultural do sexo cromossômico/biológico (uma leitura feminista estabelecida), mas uma contínua prática discursiva hoje em dia estruturada em torno do conceito de heterossexualidade como a norma dos relacionamentos humanos" (SPARGO, 2006, p. 50).

Para Foucault, conforme Spargo (2006), o "'sexo' é uma categoria fictícia que foi compreendida como a fonte e a causa do desejo. O corpo não é naturalmente 'sexuado', mas se torna assim através de processos culturais que usam a produção da sexualidade para ampliar e sustentar relações de poder específicas". Ao refletir sobre este argumento de Foucault, Spargo (2006) explica que Butler identificará nos seus escritos uma constante "metáfora ou figura do corpo como uma superfície na qual a história escreve ou imprime valores culturais". O que também a leva a compreensão de que o "corpo tem uma materialidade que precede à significação", o que ela "considera problemático". Será, então, que Butler buscará uma maneira de ler o corpo como uma *prática significante*:

Para Butler, é através da repetição estilizada de atos corporais, gestos e movimentos particulares que o efeito de gênero é criado como 'temporalidade social'. Não nos comportamos de determinados modos em razão da nossa identidade de gênero; adquirimos essa identidade através desses padrões comportamentais, os quais sustentam normas de gênero. O processo de repetição é 'tanto uma reencenação e uma experimentação de uma série de significados já socialmente estabelecidos, quanto à forma mundana e ritualizada de sua legitimação' (SPARGO, 2006, p. 52).

Butler traz, desta maneira, outra perspectiva sobre os construtos discursivos acerca do sexo, gênero e sexualidade. Afirmará que a identidade sexual não é algo natural, da mesma forma que não há uma relação necessária entre corpo e gênero. Nas palavras de Butler:

El género no debe interpretarse como una identidad estable o un lugar donde se asiente la capacidad de acción y de donde resulten diversos actos, sino, más bien, como una identidad débilmente constituida en el tiempo, instituida en un espacio exterior mediante una repetición estilizada de actos. El erecto del género se produce mediante la estilización del cuerpo y, por lo tanto, debe entenderse como la manera mundana en que los diversos tipos de gestos, movimientos y estilos corporales constituyen la ilusión de un yo con género constante. Esta formulación aparta la concepción de género de un modelo sustancial de identidad y la coloca en un terreno que requiere una concepción del género como temporalidad social constituida. Es significativo que si el género se instituye mediante actos que son internamente discontinuos, entonces la apariencia de sustancia es precisamente eso, una identidad construida, una realización performativa en la que el público social mundano, incluidos los mismos actores, llega a creer y a actuar en la modalidad de la creencia (BUTLER, 2001, p. 172).

Para ilustrar sua teoria de performatividade, é que Butler cita a *drag* como exemplo de uma prática que representa as normas heterossexuais em um contexto *gay*. Ao "imitar" o gênero, a *drag* revelaria a estrutura imitativa do gênero e sua contingência. Este ponto do pensamento de Butler é apontado quase sempre como algo que, a princípio, foi mal interpretado por ter circulado dentro dos estudos de gênero e dos estudos *queer*, como sinônimo de performance (atuação, representação) (SPARGO, 2006, p. 62; SALIH, 2013, p. 90). Sobre esta confusão, Salih (2013) lembra que Butler: "numa entrevista em 1993, enfatiza a importância desta distinção, argumentando que, enquanto a performance supõe um sujeito preexistente, a performatividade contesta a própria noção de sujeito". Para Spargo (2006), esta confusão entre performance e performatividade se deve, inclusive, ao próprio exemplo escolhido por Butler, a *drag*, além de outros aspectos:

A interpretação errônea da performatividade como escolha de gênero, como se fosse a escolha de uma roupa, pode provir de um desejo utópico de fugir a compulsões do sistema binário de gênero e heterossexualidade identificado por Butler, ou então ao consumismo disseminado da cultura ocidental contemporânea, estruturado em torno do mito da livre escolha. Ou pode ainda, é preciso dizê-lo estar ligada ao estilo difícil e às vezes opaco como que Butler escreve [...] (BUTLER, 2006, p. 54).

A "confusão" entre performance e performatividade tem destaque no prólogo do livro de *Linguagem, poder e identidade*<sup>4</sup> (*Excitable Speech - A politics of the performative*, 1997), onde, no prólogo, se ressalta que Butler esclarece sua compreensão sobre performatividade:

---

4 Optamos por utilizar o título em espanhol por embasar as nossas leituras.

Butler aclara esta confusión, especialmente la interpretación de la performatividad como uso teatral al estilo de las drag, y pone el acento en la obligatoriedad de repetir unas normas que son anteriores al sujeto, y que éste no puede desechar voluntariamente. En este sentido, Butler hará un uso bastante original de la obra de Jacques Lacan y de su concepción del sujeto como resultado de la entrada en un universo simbólico, en el lenguaje. Estas normas de género, estos actos y gestos que nos esperan desde antes del nacimiento son interpretados por Butler en términos similares al "orden simbólico" lacaniano, el lenguaje, una estructura que está ya ahí, y que va a ser determinante en la producción de la subjetividad. (BUTLER, 2009, p. 11)

O prólogo pontua ainda que nesta compreensão de performatividade de Butler encontram-se alguns dos elementos fundamentais de posteriores desenvolvimentos da *teoria queer*. De um lado, os questionamentos das identidades de gênero, da masculinidade e da feminilidade, e da afirmação de que existe um original por trás dessas categorias. Do outro lado, a possibilidade de reapropriação de certas normas e códigos para mostrar a debilidade ou a fragilidade das estruturas heterocentradas ou normativas.

Desta ideia de reapropriação dos códigos de Butler vem a terceira base teórica dos nossos estudos voltada para a análise da performatividade lingüística presente nos discursos estudados acerca da temática da homossexualidade/telenovelas. Para Butler, os enunciados de gênero não são enunciados constatativos (meramente descritivos). Estão mais para enunciados performativos (que realizam um ato), de dizer, de invocações ou citações ritualizadas da lei heterossexual. Contudo, embora a linguagem seja performativa, ela nem sempre "será bem-sucedida".

O que faz com que palavras sejam ressignificadas. Por isso, Butler propõe que o performativo deve ser repensado não somente como um ato que um usuário da linguagem oficial utiliza com o propósito de produzir efeitos autorizados, mas também como um ritual social complexo, capaz de influenciar na formação e na reformulação dos sujeitos. Afinal, quando afirmamos que uma palavra é capaz de ferir como uma marreta, estamos dizendo que nossos corpos são atingidos pela fala, contudo não da mesma forma que uma ferida puramente física. Uma vez que a *ferida física* afeta a psique, e a *ferida psíquica* afeta a doxa (forma) corporal, isto é, o conjunto de crenças vivido e registrado corporalmente que constitui a realidade social. O que dá ao ato de fala a possibilidade de ser inclusive ato de insurreição. Discursos de ódio (homofóbicos, racistas), por exemplo, proferidos, inclusive, para silenciar a quem é dirigido, podem ter um efeito inesperado:

La palabra que hiera se convierte en un instrumento de resistencia, en un despliegue que destruye el territorio anterior de sus operaciones. Este despliegue

significa enunciar palabras sin una autorización previa y poner en riesgo la seguridad de la vida lingüística, el sentido del lugar que ocupa uno en el lenguaje, la palabra de uno justamente como uno la dice. Sin embargo, este peligro ya se produjo con el lenguaje injurioso cuando pone en cuestión la supervivencia lingüística de su destinatario. El habla subversiva es la respuesta necesaria al lenguaje injurioso, un peligro que se corre como respuesta al hecho de estar en peligro, una repetición en el lenguaje que es capaz de producir cambios. (BUTLER, 2009, p. 261)

Destas compreensões teóricas é que nos inclinamos a pensar que as discussões sobre a temática da homossexualidade nas telenovelas exibidas no horário nobre brasileiro precisariam ser investigadas como parte do *dispositivo de sexualidade*, de reiteração de práticas discursivas (FOUCAULT, 1988), de operação e de uso/ressignificação de palavras que ferem (BUTLER, 2009), resultantes de controvérsias observadas em conversações facultativas e livres (TARDE, 2005). Segundo Tarde, é na *conversação facultativa* que reside a sociabilidade humana que faz, em todos os tempos, brotar as conversas livres (TARDE, 2005, p. 63). Estas *conversações* evoluem sempre à medida que surgem novas ocasiões e novas fontes que a alimentam, sejam em decorrência das descobertas geográficas, físicas, histórias, das invenções agrícolas ou industriais, das ideias políticas ou religiosas, das obras literárias ou artísticas. Por outro lado, como ressalta Tarde, seria um erro pensar a evolução da conversação como um desenrolar contínuo e espontâneo - ou todos os outros tipos de evolução - porque o contínuo não existe, há sempre algo a "resolver por inserções intermitentes, por enxertos sucessivos e superpostos, de novos germes". (p. 94). Estas conversações, contudo, mais do que sinônimo de falas, são compreendidas como parte do *discurso* na perspectiva *foucaultiana*, ou seja, aquela que compreende o discurso como "grandes grupos de enunciados" que governam o modo que falamos e percebemos um momento ou momentos históricos específicos" (SALIH, 2006, p. 69). Portanto, por mais que sejam conversações facultativas e livres estão permeadas por disputas por verdades e saberes e ao mesmo tempo por expressões de afetos e afecções do corpo. Para identificar esses afetos e afecções nos debates, visitamos os escritos de Spinoza (2014) porque trabalhamos com a hipótese de que sexualidade ao ser produzida discursivamente mobilizaria uma gama de emoções firmadas em discursos seculares. Afetos compreendidos como afecções do corpo que podem tanto aumentar quanto diminuir, ajudar ou limitar, a potência de agir do corpo. Esta potência de agir ou grau de potência, como explica Costa (2011), é inerente ao ser humano, contudo será alterada, modificada de acordo com os encontros que fazemos. "Essa modificação é dita ser um afeto no indivíduo" (COSTA, 2011, p. 16). O que coloca, portanto, o afeto em lugar central em nossas vidas.

## TRABALHO DE CAMPO

Antes de entrarmos propriamente nas discussões a partir de *Babilônia*, é importante pontuar que o trabalho de campo foi norteado pelas prescrições de incertezas de Latour (2012) ao propor Teoria Ator-Rede (ANT) e pelos estudos de ações/relatos. Segundo Latour (2012), as tarefas, de definir e de ordenar o social, devem ser deixadas aos próprios atores, não ao analista. Identificar a formação de grupo no processo de investigação torna-se mais importante do que afirmar a existência de um grupo. Buscamos, assim, identificar primeiros os grupos (seus porta-vozes, os anti-grupos), e onde se originou e o que moveu a sua ação, e onde residia a controvérsia. Para isso, iniciamos o acompanhamento das discussões imediatamente após a sua estreia de *Babilônia*, já que o beijo entre as personagens Tereza (Fernanda Montenegro) e Estela (Nathália Timberg) foi protagonizado logo no primeiro capítulo da novela, o que fez imediatamente as redes sociais serem tomadas por grupos de apoiadores e contrários à novela. Entre os dias 17 de março e 16 de junho de 2015, coletamos 45 publicações, das quais oitos não tratavam exclusivamente da novela *Babilônia*, mas abordavam temáticas similares, como foi o caso da advertência relacionada ao beijo *gay* de outra novela brasileira, *Amor a Vida* (2013/2014), então, em exibição no Peru, e o corte da mesma cena no México. Encontramos ainda outras matérias internacionais como a da BBC e *El Mundo*, que abordavam o fato de beijos *gays* "sacudirem o Brasil" e serem considerados "o último tabu das telas brasileiras". No foco, apenas os textos publicados em sites com espaços para comentários e interações.

A partir de *Babilônia*, foi possível rastrear, inicialmente, duas fontes de origem de formações de grupos. A primeira, os sites vinculados aos *medias* tradicionais e redes sociais (Twitter e Facebook, principalmente). A segunda, os sites *gospels* e LGBT. O grupo *gospel* mostrou-se bastante peculiar, uma vez que era também uma extensão da chamada *Frente Parlamentar Mista Permanente em Defesa da Família Brasileira*. Seus porta-vozes, deputados e senadores evangélicos do Congresso Nacional. Esta frente foi uma das mais atuantes. Talvez a principal motivadora das controvérsias que seguiram mobilizando os demais agrupamentos, para se opor ou para veicular notícias sobre a campanha proposta pela *Frente Parlamentar*, aquela denominada de *Diga Não Babilônia*, quando os políticos chegaram, inclusive, a defender nas redes sociais boicote às marcas dos patrocinadores de *Babilônia*.

Contudo, a reação dos deputados federais e de senadores não se deu imediatamente após a veiculação do chamado beijo *gay*. Parece ter sido resultado da violenta discussão que tomou conta das redes sociais brasileiras, logo após a cena ir ao ar. A primeira publicação que

tivemos acesso, neste dia, demonstra bem o que aconteceu. Trata-se de um pequeno texto escrito por Cedar Attanasio com o título "*Fernanda Montenegro, Nathália Timberg Lesbian Kiss: Brazilian Telenovela Stars Blow Up Twitter With Sexy Smooch [Memes]*". Aborda a repercussão da cena da novela por meio do Twitter, traz exemplos de *memes* compartilhados sobre o beijo na rede de microblogs e linka-se diretamente à *Comunidade Homofobia Não*.

O texto de Cedar ressalta que o beijo esteve no topo da lista de *Trending Topics*, mobilizando artistas e políticos brasileiros e ao mesmo tempo provocando "controvérsia sobre a aceitação pública da homossexualidade". Comenta ainda que o Brasil legalizou o casamento *gay* em 2013, mas os "homossexuais enfrentam discriminação galopante, incluindo as taxas flagrantes de assalto e assassinato". E que "muitos LGBT brasileiros procuraram asilo nos Estados Unidos". O texto conclui dizendo que ativistas pedem a criminalização de atos de ódio e que a *Comunidade Homofobia Não*, um serviço de mídia social sobre os direitos dos homossexuais, comemorou o beijo em sua página no Facebook.

A publicação de Cedar Attanasio, mesmo se tratando de um pequeno texto repercutindo uma cena de novela, abriu inúmeras possibilidades para rastrear de que maneira os grupos se formaram em torno da controvérsia envolvendo a temática *queer* e o beijo entre duas mulheres na novela *Babilônia*. Pois nos levou para outros espaços da WEB como a *Comunidade Homofobia Não*, onde o beijo foi fortemente discutido. Postagem sobre este assunto nesta comunidade, nos dias 16 e 17 de março, foi curtida por 5.004 pessoas, mobilizou 170 comentários, 440 compartilhamentos e uma intensa discussão sobre o beijo entre as personagens Tereza e Estela.

A *Comunidade Homofobia Não*, a partir desta controvérsia, linkava-se, por outro lado, à página da Rede Globo, no Facebook, que por sua vez se mostrou como espaço de controvérsia ainda maior, com 15.390 comentários, 7.140 compartilhamentos e 50.138 curtidas. O primeiro comentário na *Comunidade Homofobia Não*, de Mary Lúcia, de São Paulo, deu início à disputa. Ela escreveu: "A globo agora só sabe fazer novelas assim. Mulher com mulher e homem com homem. ...já se foi tempo q se faziam novelas interessantes". Vinte e sete pessoas curtiram a publicação de Mary Lúcia, que gerou cinco outras postagens como respostas. Dessas respostas, duas foram da própria Mary Lúcia aos demais que discordavam dela.

Na página da Rede Globo, o primeiro comentário foi de Thiago Guimarães Barbosa, de Itajaí, Santa Catarina. Ele escreveu: "Engraçado q ninguém ficou de mimi sexta feira qnd o filho matou o pai em Império, crianças podem ver mortes, sexo hétero, mas celinho gay deturpa.. Viva o amor seja ele qual for". Exatas 3.707 pessoas curtiram esta postagem, que



gerou 156 respostas. O autor desta primeira postagem ainda fez outras onze defendendo o seu ponto de vista, nesta única discussão.

As primeiras discussões na página da Rede Globo revelaram-se carregadas de disputas em torno, principalmente, da aprovação ou desaprovação da veiculação dos beijos entre as duas personagens da telenovela *Babilônia*. Em seguida foram se desdobrando em argumentos fundamentados na "normalidade", "Deus", "respeito" e "preconceito". Parte significativa das discussões também se mostrou permeada por ameaças, ofensas, desdém, repulsa, intolerância e ódio. Apesar de a telenovela ter sido o ponto de *start* da controvérsia, os confrontos foram, portanto, além de uma trama fictícia. A partir de *Babilônia*, acreditamos ser possível inferir, que o campo midiático é um lugar de disputas pela existência social e pela afirmação da identidade de gênero. Por isso, nos *posts* analisados a partir do beijo de *Babilônia* é possível encontrar quase sempre os três principais grupos discursivos presente no dispositivo de sexualidade: o discurso médico (a relação entre pessoas do mesmo sexo é uma doença), o religioso (é um pecado) e o jurídico (duplamente mobilizado entre igualdade e crime). Nestes discursos, são mobilizadas palavras quase sempre injuriosas, carregadas de emoções, sentimentos, que mais do que colocar a sexualidade em discurso, revelam-se norteados por forças normatizadoras e, ao mesmo, de subversão da palavra. O que nos permite inferir, a partir de *Babilônia*, que a discussão travada entre telespectadores/público é uma disputa por saber-verdade, o que se dá por relações permeadas por poder e resistência, onde a palavra adquire um papel-chave.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, J. 2009. *Lenguaje, poder e identidade*. Madrid, Sintesis, 271 p.

\_\_\_\_\_ El género en disputa, Paidós, México, 2001.

COSTA, Rogério. Os Afetos de Rede: Individualismo Conectado ou Interconexão do Coletivo?. Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte - São Paulo – V.4 N°1 abril 2011 – Dossiê

FOUCAULT, M. 1988. *História da sexualidade – A vontade de saber*. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, v. 1, 176 p.

\_\_\_\_\_. 1979. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 295 p.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o Social*. Bauru, SP: EDUSC/Salvador, BA: EDUFBA, 2012.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. *Telenovelabrasileira: uma narrativa sobre a nação*. Comunicação & Educação, São Paulo, v. 1, n.26, p. 17-34, 2003.

RIBEIRO, Deco. Stonewall: 40 anos de luta pelo reconhecimento LGBT in Stonewall 40 + o que no Brasil? . Colling, Leandro (org). - Salvador : EDUFBA, 2011. 282 p. (Coleção CULT; n. 9)

RICH, B. Ruby. New Queer Cinema in Meu Queer Cinema - Cinema Sexualidade e Política. Catálogo Mostra. Organização dos Textos: Lucas Murari e Mateus Nagime. Caixa Econômica, SP, 20015.

SALHIR, Sara. Judith Butler e a Teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SPINOZA, B. 2014. *Ética*. 2.ed. Belo Horizonte, Autêntica, 238 p.

SPARGO, Tamsim. Foucault e a Teoria Queer. Rio de Janeiro: Ed.UFJF, 2006.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

STAM, Robert. A Teoria Queer Sai do Armário.In: STAM, ROBERT. Introdução à Teoria do Cinema. 2. Ed. Campinas: Papyrus, 2006.

TARDE, G. 2005. *A Opinião e as Massas*. São Paulo: Martins Fontes, 199 p.